

# Ministros contra clima de 'fantasia'

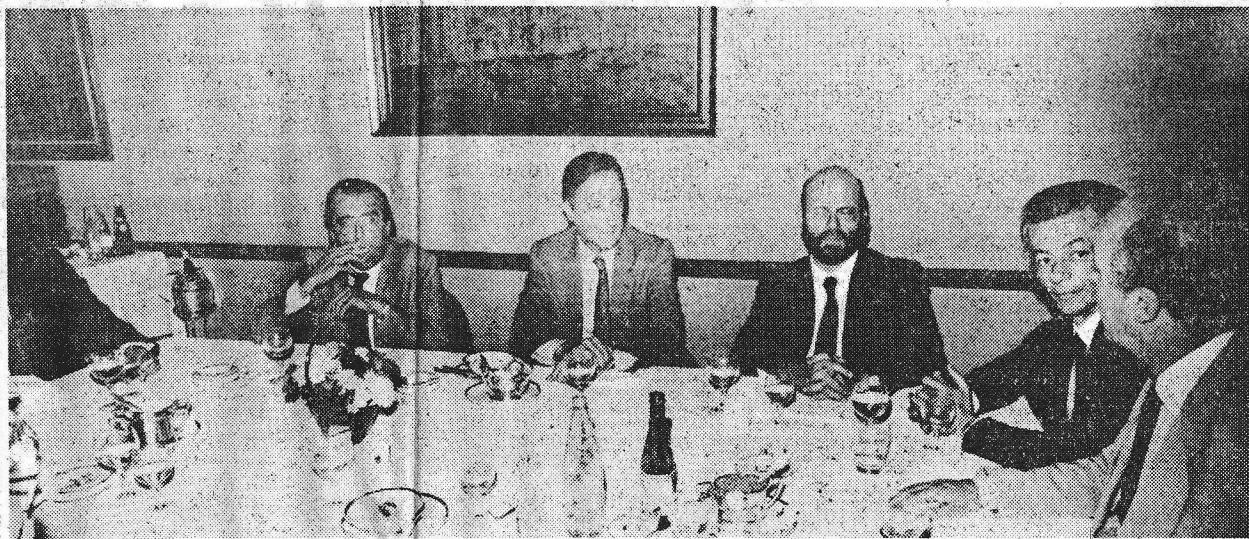
**H**á uma grande distância entre as informações "fantasias" passadas por determinados setores empresariais e a realidade econômica brasileira. Exagera-se nas críticas e cria-se uma sensação irreal, um ambiente que não existe. Este foi o consenso a que chegaram ontem os ministros da Fazenda, Dílson Funaro, do Planejamento, João Sayad, o secretário especial do Ministério da Fazenda, Luiz Gonzaga Beluzzo e sete representantes de lideranças empresariais, durante almoço realizado no Hotel Ca D'oros, em São Paulo.

Sayad desmentiu os desentendimentos com o ministro da Fazenda. Segundo ele, ambos estão trabalhando juntos e disse até que seria o caso de prometer uma recompensa a quem apontar o autor do "buchicho", pois trata-se de um inimigo do Plano Cruzado. Fez questão de ser fotografado ao lado de Funaro, para afastar os boatos e disse que a existência do ágio na indústria não é tão generalizada quanto se propaga: "Está localizada e, portanto, mais fácil de ser combatida". Para ele, "faltam esclarecimentos, não produtos", uma vez que as empresas estão vendendo bem e garantindo um crescimento econômico mais do que razoável.

O ministro do Planejamento lembrou ainda que os grandes investimentos na área do aço e da energia elétrica são importantes, porque representam a infra-estrutura necessária para os investimentos da iniciativa privada. Sayad também afastou a hipótese de uma revisão dos preços relativos, preferindo acreditar que o ajuste se dará via crescimento da demanda: "As eventuais perdas de um setor podem ser repostas pelo aumento de vendas", argumentou.

O ministro Funaro deixou o almoço "com plena convicção de que o Plano Cruzado vai dar certo, pois já corrigimos os defeitos estruturais e vamos resolver caso a caso os de cunho conjuntural". Também ele acredita na existência de investimentos — "nítidos e claros; imediatos na área agrícola, em função do recente pacote agrícola". Com relação à iniciativa privada, o ministro argumentou: "Não me venham dizer que não há investimentos, quando a indústria de máquinas vende Cz\$ 180 milhões/mês".

Sobre os investimentos de longo prazo, Funaro disse que já começam a existir, "o que até surpreende, uma vez que o ajuste do Plano Cruzado se deu há apenas dois meses". Apontou também o compromisso assumido



Funaro e Sayad, no Ca D'oro, com os empresários: desentendimento não passou de "buchicho".

por dois segmentos do setor pesado — papel e química — de efetivamente realizar investimentos a longo prazo. A esse respeito, o empresário Paulo Cunha, vice-presidente da Abiquim (Associação Brasileira da Indústria Química), também presente ao almoço, lembrou que os investimentos desse setor são de US\$ 5 bi-

lhões até 1991 e de US\$ 10 bilhões, até 1996. Cunha também descartou a exigência do ágio no setor e disse que também não há falta de matéria-prima.

Além de Paulo Cunha, estiveram presentes ao encontro — sigiloso, mas que acabou vazando para a imprensa — os empresários Mário As-

mato, presidente eleito da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo); Paulo Francini e Claudio Bardella, também diretores da entidade; Roberto Caiuby Vidigal, presidente da Abdib (Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base); Rauez Abou Rizk, diretor para assuntos especiais da Volks-

wagen e J.B. Duarte, representando a indústria de óleos vegetais. Beluzzo resumiu a avaliação do encontro da mesma forma que todos os empresários: "A realidade é muito melhor do que a fantasia".

Caiuby Vidigal considerou o encontro importante e disse que há necessidades de pequenos ajustes na economia. Em sua opinião, as críticas feitas ao Plano Cruzado vêm de setores que atualmente estão enfrentando problemas, mas que já os tinham no passado. Acredita que esses setores já estão se ajustando e que os empresários devem ter confiança para investir. Ressaltou também que na indústria de base não há ágio na matéria-prima e nem aumento de custos: "Os problemas enfrentados com nossos clientes — as estatais — também já estão sendo acertados".

Bardella também afirmou que o atacado vai bem e que há algumas distorções no varejo, mas que podem ser corrigidas, "já que não são tão graves". Em sua opinião, as informações vigentes sobre o ágio podem até ser indutoras de comportamento: "Se um empresário ouve tanto falar em ágio e ele próprio não o cobra, se sentirá lesado e, sem dúvida, tentado a também cobrar".